

FILOSOFANDO NA ERA DIGITAL: O ENSINO ONLINE DE FILOSOFIA NO MODELO EAD: LIMITES, DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA DISCIPLINA A DISTÂNCIA.

Curitiba – PR – Maio de 2014

Gustavo Luiz Gava - Pontifícia Universidade Católica do Paraná / Universidade
Positivo - gava@up.com.br

Experiência Inovadora

Educação Superior

Serviços de Apoio ao Estudante

Descrição de Projeto em Andamento

RESUMO

Este artigo centra seu enfoque no escopo epistemológico em que a filosofia se encontra, atualmente; a denominada era digital. Ou seja, não apenas viabilizar o entendimento do mundo em que vivemos. Mas, principalmente, buscar o mapeamento lógico, metalinguístico (metafísica) e psicológico que faz parte da primeira geração dos Nativos Digitais. A própria filosofia encontra-se inserida além de uma categoria propedêutica (como categorizava Aristóteles), percebe-se que o mundo exige uma peculiar compreensão da própria vida. E, para isso, urge, pensar uma nova ontologia. Uma ontologia tecnológica? Esta será a total emancipação da geração de Nativos Digitais que nasceram na transição da revolução noética para o Século XXI. Mediante essa elucidação, buscaram-se inovações que justifiquem a razão de ser de tal investigação interdisciplinar à Filosofia, tais como as possíveis propostas que eclodem por meio da tecnologia da informação e comunicação (TIC). Destarte, primeiramente, exigir-se-á refletir a filosofia como disciplina em EaD. Entende-se que esta é uma das principais transições para situar a filosofia, bem como outras disciplinas, no mundo virtual: o ensino online. E, a partir daí, possibilitar que o próprio discente inclua-a em seu campo mundano: do virtual cognitivo para o concreto objetivo. Uma engenharia reversa do conhecimento.

Palavras chave: Filosofia; Era digital; Revolução noética; Ontologia tecnológica; Engenharia reversa do conhecimento.

1 - Por uma ontologia tecnológica: pensar a informação

Busca-se, neste artigo, apresentar que a partir da denominada era do conhecimento houve uma célere produção de informação. Tal mudança evidencia-se pontualmente a partir da década de 1970 (PALFREY & GASSER, 2011, p. 12). Todavia, a noção de informação que se entende nesta reflexão está, *a priori*, inserida nos conceitos da teoria matemática da comunicação estabelecida pelo engenheiro elétrico do MIT Claude Shannon – considerado o pai da teoria da informação. Shannon após as publicações de *A Mathematical Theory of Communication* (artigo de 1948) e *The Mathematical Theory of Communication* (obra de 1949), foi pioneiro ao definir o conceito de informação a partir de uma teoria matemática da comunicação. Ou seja, a transmissão de uma mensagem – símbolo físico – entre um emissor e um receptor (SHANNON, 1948, p. 2).

Igualmente, usa-se a noção de informação estruturada pelo epistemólogo e filósofo da mente Fred Dretske. Em que na sua obra intitulada *The Knowledge and The Flow of Information*, distingue o termo informação apontando um núcleo comum (inteligência, instrução, conhecimento). A partir desta origem, evidencia-se que: “*They have a common nucleus. They all point in the same direction — the direction of truth. Information is what is capable of yielding knowledge, and since knowledge requires truth, information requires it also*” (DRETSKE, 1981, p. 45).

Entende-se que com base neste pano de fundo a informação passa a assumir um papel central na transformação da sociedade como um todo (YAMAOKA & GAUTHIER, 2012, p. 211). E, ao mesmo tempo, faz-se exigir, inclusive, uma nova noção ontológica sob a tecnologia. Haja vista tamanha metamorfose tecnológica que o universo digital está a passar (YAMAOKA & GAUTHIER, 2012, p. 213). As chamadas novas tecnologias e todos seus aparatos de dispositivos móveis transformaram tecnologicamente ao que se refera a informação (PALFREY & GASSER, 2011, p. 13). Destarte, como pensar a própria realidade tendo como noção um mundo formado por *bits*. O que é? Como funciona? E, como interagimos com este mundo? Temos, aí, uma ontologia tecnológica.

A posteriori, se poderia pensar no discente. Principal ator social nativo digital que percebe diretamente toda a maleabilidade da informação. Haja vista que para Palfrey e Gasser (2011, p. 17) estes atores sociais estão cada vez mais transformando em escala global a indústria, a política e a educação. Percebe-se que as escalas industrial e política – principalmente a primeira – estão sendo direcionadas e impulsionadas pelos nativos digitais. Entretanto, pergunta-se: a educação segue o mesmo ritmo? Estaria consideravelmente aberta as pressões destes atores às mudanças peculiares. Como manter a atenção dos nativos digitais, os *homo zappiens*, na era digital. Ou melhor. Como educar na era digital. Como atender a nova demanda instrumental e métodos de ensino à esta geração (VEEN & VRAKING, 2009, p. 27).

Às vezes, intelectualmente, percebe-se uma postura somítica entre os que tentam pensar o “novo” modelo de educação. A educação a distância. Pois são recorrentes as mudanças em níveis instrumentais. Mas, não, em pensar uma nova ontologia. A ontologia tecnológica. Por se tratar da realidade brasileira, deve-se levar em consideração que ainda transita-se de maneira a testemunhar a própria *web 2.0*. E, pedagogicamente, em EAD, ainda é possível encontrar equívocos entre a vetusta mudança paradigmática, com efeito, *kaizen*. Sendo que o efeito *kaizen* é instrumental, é práxis. E a paradigmática já se encontra inflada, saturada e, terminologicamente, em plena barafunda.

O efeito *kaizen* não inspira mudança científica. Isto é, em EAD, precisa-se perceber que há grande número de instrumentalização dos padrões por meio da ciência normal. Por meio de uma postura iconoclasta. Mas não de transformação subitânea. O efeito *kaizen* não atende diretamente os nativos digitais. Justamente porque há, aí, um choque de ideias, valores em construção e choque cultural. Para se entender este novo mundo da informação é necessário uma sublevação científica. Os nativos da era digital – discentes – transgridem a própria linguagem maquínica inserida na ideia de neutralidade científica, pois trafegam por meio de outra ontologia. Uma ontologia em que a informação está além de determinar uma linguagem com consequências morais e políticas. Como afirmam Deleuze e Guattari, o “modelo” ontológico vigente cria “sentenças de morte” por causa de uma linguagem determinística à própria vida. “A linguagem não é a vida, ela dá ordens à vida; a vida não fala,

ela escuta e aguarda” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p.13). Esta é uma questão semiológica que se deve aprofundar em estudos futuros e se levar em consideração aos nativos digitais como: fomentadores diretos desta nova maneira de se lidar com a informação.

Entende-se que os nativos digitais estão ligados as novas tecnologias de maneira sintagmática. E a ciência move-se pela ação do próprio peso paradigmático. O físico e filósofo da ciência Thomas Kuhn explicou que esta postura lassa e, às vezes, trivial em ciência deve-se pelo fato de que em ciência é comum à ação de não promover o progresso científico. “As revoluções científicas são os complementos desintegradores da tradição à qual a atividade da ciência normal está ligada [...] Para esses homens, a nova teoria implica uma mudança nas regras que governavam a prática anterior da ciência normal. Por isso, a nova teoria repercute inevitavelmente sobre muitos trabalhos científicos já concluídos com sucesso” (KUHN, 2009, pp. 25-26).

Embora seja evidente os inúmeros resultados e conquistas (de baixo para cima) a educação a distância – comparado ao pioneirismo instituído em território brasileiro desde 1941 pelo Instituto Universal Brasileiro –, será que não é tempo de se pensar (de cima para baixo) por meio de uma engenharia reversa. Isto é, antes de se criar teorias e instrumentalizar ferramentas online, averiguar dois pontos cruciais para se pensar EaD:

- ✓ Em ato, qual o viés de entendimento sob o conceito de informação;
- ✓ Como possibilitar que o discente fomente a aplicação instrumental (conteúdos disponibilizados em plataformas virtuais) por meio de sua própria noética apriorística. Deve-se haver um encontro, um reconhecimento sigtagmático por meio da reversão.

2 - A revolução noética e a engenharia reversa do conhecimento

Desde meados da década de 1980 – considerada a década da era digital – e a década de 1990 – considerada a década do cérebro –, houve o advento das neurociências, da informática, da psicologia experimental, da inteligência artificial (considerando os estudos sobre redes neurais), entre

outras, antigas discussões pedagógicas/filosóficas referentes à cognição humana – especificamente no que concerne à relação de aprendizado mente-cérebro – retornam ao campo de discussão, graças não apenas à contribuição da era digital, mas também à sinergia que essa mesma contribuição estabelece para o III Milênio. Ou seja, fenômeno denominado pelo físico, filósofo e cientista da complexidade, o francês Marc Halévy, por revolução noética.

Segundo Halévy (2010, p. 79), esta revolução trata-se não apenas da celeridade em que o mundo se encontra em nível de desenvolvimento tecnológico. Mas em um salto da sociosfera para a noosfera terrestre. Isto é, sintagmática. Esta passagem “foi possibilitada enfim pelo surgimento súbito e explosivo das tecnologias da informação e da comunicação” (Ibid).

E, como explanado, igualmente, para Halévy, este salto humano não é político e nem econômico. Não pertence a esta esfera. Trata-se de uma revolução conceitual da informação como um todo. Sintagmaticamente, exige-se, inclusive, aprofundamentos filosóficos, éticos e metafísicos. Um *weltanschauung* que (já) se faz presente para os atores sociais da era do conhecimento/era digital. A fim de não se perder tempo, talento e nem dinheiro, urge uma engenharia reversa do conhecimento. Todavia, não basta apenas inverter. Mas, sim, estar atento e observar a necessidade de tal inversão (HALÉVY, 2010, p. 81).

Então, pensa-se; se temos a escola invertida, precisaríamos de uma pedagogia cognitiva reversa para os espaços e meios virtuais. Percebe-se que ainda estamos em um modelo mecanonaturalista arraigado nos séculos XVII-XIX. De escala industrial. Ou seja, foco em serviços, produtos (plataformas, produtos, entre outros) e legislações – de baixo para cima. Quase que um ultraje àqueles que entreveem a EaD apenas como produto-serviço educacional. “A revolução noética – no sentido estrito do termo – constitui uma inversão para cima: não é mais o pensamento que está a serviço do homem, mas o homem que está a serviço do espírito” (HALÉVY, 2010, p. 84). E por carecer de tal *weltanschauung*, é possível, atualmente, encontrar teorias behavioristas e fisicalistas a servir como mapeamento e sustentação pedagógica ao universo da EaD.

3 - A filosofia na era digital: limites, desafios e possibilidades da disciplina a distância.

Não bastasse os desafios gerais que envolvem o universo da EaD, como, por exemplo, uma ontologia tecnológica, depara-se com a seguinte e peculiar questão: como viabilizar a disciplina de filosofia a distância. Segundo Deleuze & Guattari (2010, p. 11), “a filosofia é a disciplina que consiste em criar conceitos.” Segundo os filósofos, a filosofia possibilita tal engenho, pois é criadora no sentido estrito. E, não apenas o livre pensar e o refletir desatado sobre as coisas do mundo.

Embora esta seja a reputação generalizada que fez com que boa parte das ideias e/ou conceitos ligados a disciplina presencial de filosofia, igualmente, categorizassem-na como disciplina hermética no modelo EaD. Vista como arcabouços de conteúdos sem contextualização prática àqueles que a experienciam como disciplina forasteira aos seus cursos. Corriqueiramente, pode-se escutar considerável número de discentes indagarem: “O que a filosofia tem a ver com o meu curso?” “Qual a aplicação da filosofia no dia a dia?” “Para quê serve a filosofia?” Encontra-se, aqui, uma barreira: o atual limite pedagógico à disciplina.

3.1 - Limites

Como é possível sobrepujar este limite frente a era digital. Primeiro, por meio de uma engenharia reversa do conhecimento. Segundo, por meio de uma estrita tradução como modo de vida. Haja vista que a própria era digital apresenta-se por meio deste caos de intensa informação. A filosofia na era digital deve servir para dar ordem a esta velocidade infinita da informação infrene. Não apenas para estancar as lacunas de ementas curriculares. “Nada é mais doloroso, mais angustiante do que um pensamento que escapa de si, ideias que fogem, que desaparecem apenas esboçadas, já corroídas pelo esquecimento ou precipitadas em outras, que também não dominamos” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 237).

3.2 - Desafios

Para se romper este limite, entende-se, que as plataformas virtuais devam fomentar a apresentação da disciplina de filosofia *online* de maneira que o discente possa coparticipar criar e aplicar/ampliar os conhecimentos de base filosófica. Revertendo a estrutura pedagógica. Possibilitando, assim, o laboratório filosófico, filosofando. “[...] para que haja acordo entre coisas e pensamento, é preciso que a sensação se reproduza, como a garantia ou o testemunho de seu acordo” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 244).

Percebe-se que há nas variadas plataformas de EaD das instituições brasileiras, considerável avanço estético em *layouts*, pontuais e excelsas melhorias metodológicas, ordenação intuitiva e operação funcional que usufruem, pedagogicamente, dos melhores sistemas TIC. Todavia, há um paradoxo. Principalmente, à disciplina de filosofia: os conteúdos são passivos e herméticos. É um choque cultural-virtual. O conteúdo de filosofia é demasiado analítico e histórico. Trata-se, aqui, de uma crítica de encontro, pois, sabe-se que, nesta disciplina, há exímios analíticos e historiadores da filosofia. Entretanto, esta maneira passiva de se entender filosofia do concreto (sala de aula) para o virtual (plataforma *online*), nas portas do III Milênio, a mantém no mesmo pedagógico processo bizantino. O afastamento dos discentes.

Os nativos digitais, os homo *zappiens*, assim como a era digital e a revolução noética, fazem parte de um sistema amplamente complexo. Esses atores sociais – discentes – mantêm a todo o momento relações **ativas**. Seja nos mais variados aplicativos e/ou redes sociais. A todo instante estão ativamente a criar. Essas pessoas “cresceram em um mundo onde a informação e a comunicação estão disponíveis a quase todas as pessoas e podem ser usadas de maneira ativa” (VEEN & VRAKING, 2009, p. 29). Por isso que modulações analíticas passivas e estáticas não cativam este público. Exatamente “porque o que é complexo não pode ser reduzido por análise a um conjunto de componentes” (HAVÉLY, 2010, 43). O desafio atual para a disciplina de filosofia seria possibilitar a criação de plataforma *online* situacional, ativa e retroprodutora.

3.3 - Possibilidades de apoio ao discente

Em 2012 o autor desta pesquisa desenvolveu juntamente com os discentes da disciplina (modelo presencial) de filosofia e ética da Universidade Positivo o projeto intitulado: “Laboratório Filosófico: a empresa do futuro”. Este projeto fora finalista do evento e projeto da Universidade Positivo Fábrica de Ideias. Projeto (FIP 2012) responsável por captar e engajar ideias de seus colaboradores, docentes e discentes que empreendessem melhorias de serviço, produto ou gestão ao Grupo Positivo direta ou indiretamente.

O projeto “Laboratório Filosófico: a empresa do futuro” consistia na apresentação de temas/saberes filosóficos e a sua possível aplicação/tradução contemporânea na gestão pessoal do século XXI. Visava abordar questões filosóficas com os alunos da Universidade Positivo, bem como que as mesmas questões poderiam contribuir, por meio de uma gestão filosófica pessoal, no cotidiano dos mesmos atores sociais. Destarte, a ideia era averiguar seu potencial de aplicação existencial em um novo modelo empresarial. Voltado à gestão do conhecimento relacionado a base filosófica. Este projeto piloto inicial teve duração aproximadamente de um semestre. A ideia central era desenvolver apoio aos discentes de maneira ativa, bem como promover as temáticas filosóficas, filosofando. Fomentando a coparticipação e o aprender criando.

Atualmente, investiga-se a possibilidade de desenvolver este mesmo projeto, modelo protótipo, e sua viabilidade em uma plataforma *online*. A levar em consideração a engenharia reversa do conhecimento à disciplina de filosofia. O fazer filosofia, filosofando a distância. Parte do conteúdo – com a devida coparticipação docente – seria desenvolvido pelos próprios discentes, bem como a escolha dos temas das aulas (calendário) e a troca de experiências empreendedoras entre a turma (grupo). Sua aplicação concreta e relação com o conteúdo desenvolvido. Além do foco no aluno não tradicional (PALLOFF & PRATT, 2004, p. 73), esta proposta visa a criação e a aplicação do conteúdo. Para esta mudança, deve-se estimular ambiente cognitivo. “*Our minds are changed either because we ourselves want to change them or*

because something happens in our mental life that warrants a change”
 (GARDNER, 2008, p. 173). Exemplo protótipo:

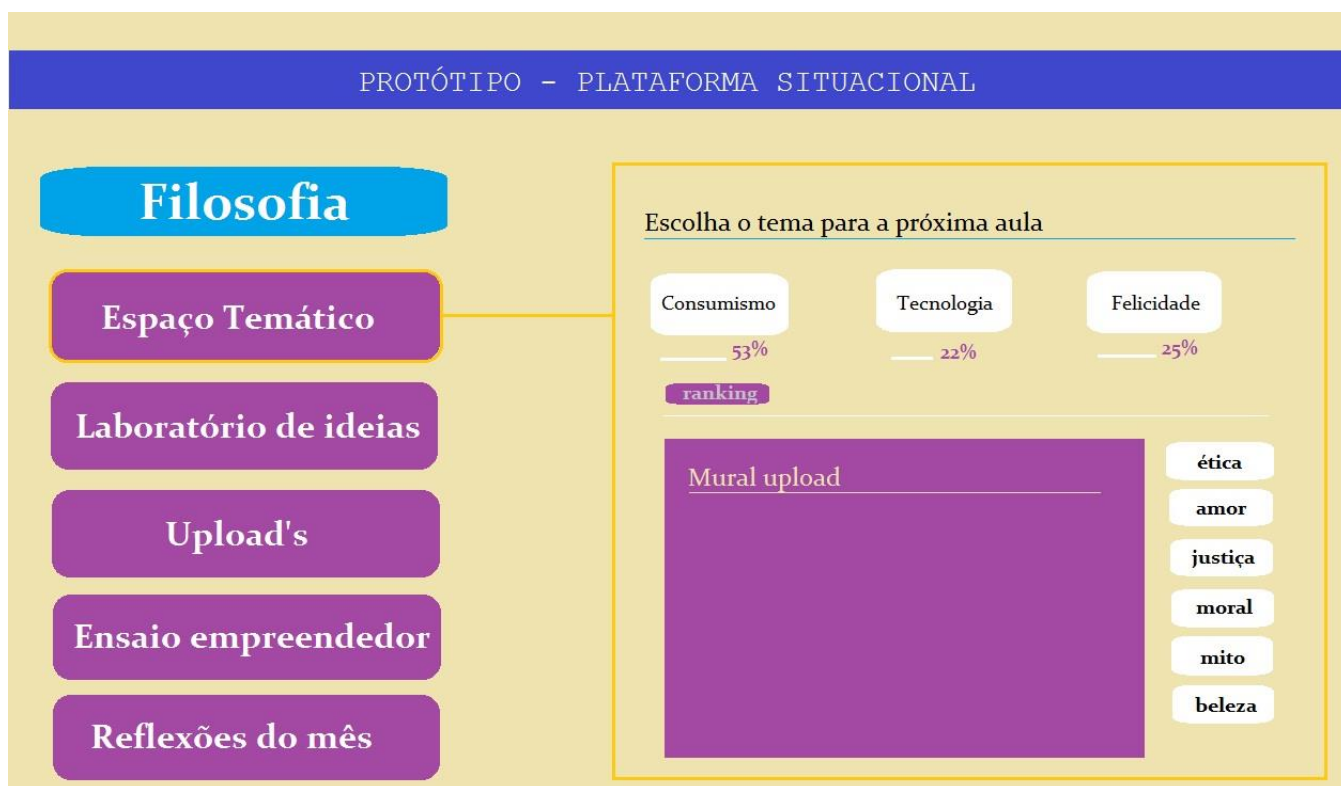


Figura 1. Plataforma situacional *online* de filosofia. Fonte: o autor

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. O que é a filosofia. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DRETSKE, Fred. Knowledge and the flow of information. Cambridge: Mass., U.S.A, The MIT Press, 1981.
- GARDNER, Howard. Changing minds: the art and science of changing our own and other people's minds. Boston: Editora Harvard Business School Press, 2008.
- HALÉVY, Marc. A era do conhecimento: princípios e reflexões sobre a revolução noética no século XXI. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

- KUHN, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. 9ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.
- MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma reformar o pensamento. 12ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2006.
- PALFREY, John, GASSER, Urs. Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Editora Artmed, 2010.
- PALLOFF, Rena M. PRATT, Keith. O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes *on-line*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2004.
- SHANNON, C. A mathematical theory of the communication. Reprinted with corrections from The Bell System Technical Journal, Vol. 27, pp. 379-423, 623-656, July, October, 1948.
- SHANNON, Claude. WEAVER, W. The mathematical theory of communication. Urbana: Editora University of Illinois Press, 1949.
- VEEN, Wim, VRAKKING, Bem. Homo Zappiens: educando na era digital. Porto Alegre: Editora Artmed, 2009.
- YAMAOKA, Eloi Juniti & GAUTHIER, Fernando Ostuni. Ontologia de dependência tecnológica de documentos digitais: instrumento de apoio à preservação digital. Enc. Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 17, n. esp. 2 – III SBCC, p. 211-226, 2012. ISSN 1518-2924. DOI: 10.5007/1518-2924.2012v17nesp2p211.